



SOCIOLOGIA DA CULTURA - CELEBRIDADES BOTAFOGUENSES

Juscelino Kubitschek de Oliveira

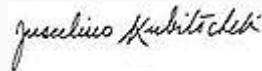


21.º Presidente do Brasil 🇧🇷

Mandato

31 de janeiro de 1956 até
31 de janeiro de 1961



| | |
|-------------------------|---|
| Vice-presidente | João Goulart |
| Precedido por | Nereu Ramos |
| Sucedido por | Jânio Quadros |
| <hr/> | |
| Nascido em | 12 de setembro de 1902 Diamantina, Minas Gerais |
| Morreu em | 22 de agosto de 1976 (73 anos) Resende, Rio de Janeiro |
| Partido político | Partido Progressista (Minas Gerais), PSD |
| Esposa | Sarah Gomes de Sousa Lemos |
| Profissão | médico |
| Assinatura |  |

Juscelino Kubitschek de Oliveira (Diamantina, 12 de setembro de 1902 - Resende, 22 de agosto de 1976) foi um médico, militar e político brasileiro.

Conhecido como **JK**, foi prefeito de Belo Horizonte (1940-1945), governador de Minas Gerais (1951-1955), e presidente do Brasil entre 1956 e 1961. Foi o primeiro presidente do Brasil a nascer no século XX e foi o último político mineiro eleito para a presidência da república pelo voto direto.

Casado com Sarah Kubitschek, com quem teve as filhas Márcia Kubitschek e Maria Estela Kubitschek, foi o responsável pela construção de uma nova capital federal, Brasília, executando assim o antigo projeto, já previsto em três constituições brasileiras, da mudança da capital para promover o desenvolvimento do interior do Brasil e a integração do país.

Durante todo o seu mandato como presidente da república, (1956-1961), o Brasil viveu um período de notável desenvolvimento econômico e relativa estabilidade política. Com um estilo de governo inovador na política brasileira,



Juscelino construiu em torno de si uma aura de simpatia e confiança entre os brasileiros.

Juscelino Kubitschek é, ainda hoje, um dos políticos mais admirados do cenário político do Brasil, aparecendo junto com Getúlio Vargas, nas pesquisas de opinião pública como os dois presidentes preferidos pelos brasileiros. Segundo seu adversário José Sarney, Juscelino foi o melhor presidente que o Brasil já teve, por sua habilidade política, por suas realizações e pelo seu respeito às instituições democráticas.^[1]

No ano de 2001, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi eleito o "Brasileiro do Século" em uma eleição que foi publicada pela revista Isto é.

Origem e carreira política

Juscelino nasceu em 1902 em Diamantina. Seu pai, João César de Oliveira (1872-1905), foi caixeiro-viajante e exerceu, também, várias outras profissões. Sua mãe, Julia Kubitschek (1873-1971), era professora e possuía ascendência checa (seu sobrenome é uma germanização do original checo *Kubíček*) e etnia cigana^[2] - JK foi o único presidente de origem cigana em todo o mundo.^[3] Juscelino perdeu o pai aos três anos de idade, e, a partir de então, a única fonte de renda da família era o trabalho de sua mãe^[4].

JK gostava muito de futebol, e tinha simpatia pelo América Mineiro, onde atuou como jogador amador, e, sempre que podia, acompanhava partidas daquele time. Também foi apreciador das serenatas e serestas.

Estudou no seminário diocesano de Diamantina, dirigido pelos padres vicentinos, onde concluiu o curso de humanidades aos 15 anos incompletos. Depois estudou medicina na Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, formando-se em 1927 (em plena fermentação da revolução de 30), na mesma turma de Pedro Nava e de Pedro Salles, três anos antes de Guimarães Rosa e quatro antes de Oswaldo Costa.

Casou-se com Sarah Gomes de Lemos em 1931. No ano seguinte, foi nomeado como capitão-médico da Polícia Militar de Minas Gerais. JK era cirurgião especializado em urologia, tendo estagiado no Hospital Cochin, em Paris, com um dos maiores urologistas do mundo, Maurice Chevasseu.



Durante a revolução constitucionalista de 1932, como médico, serviu nas tropas mineiras que combatiam as tropas paulistas. JK foi servir no célebre túnel da Mantiqueira como cirurgião da polícia militar, acompanhando seu professor na Faculdade, Otaviano de Almeida, que montara um hospital em vagões ferroviários. Ali, operou o ferimento à bala do crânio de um soldado que sobreviveu sem sequelas.^[5] Juscelino é conhecido e considerado por muitos o maior e mais democrata dos governantes brasileiros. Sua importância política, no entanto, não deve fazer esquecer o médico que nunca deixou de sustentar sua singular personalidade.

Iniciou sua carreira política em 1934, quando foi nomeado chefe da Casa Civil do então interventor federal em Minas Gerais, Benedito Valadares, que o conheceu, na campanha da Serra da Mantiqueira, quando combatiam as tropas revolucionárias paulistas.

Foi eleito deputado federal, em 1934, pelo recém-criado "Partido Progressista", criado por membros de PRM que apoiaram a revolução de 1930. Exerceu o mandato de deputado federal até o fechamento do Congresso Nacional, em 10 de novembro de 1937, com o golpe do Estado Novo. Chegou ao posto de tenente-coronel-médico da Polícia Militar de Minas Gerais. Foi prefeito de Belo Horizonte, nomeado por Benedito Valadares, de 1940 a 1945. Foi eleito deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte de 1945, pelo Partido Social Democrático (PSD).

Destacou-se muito por sua oratória.^[6] Seus discursos mais importantes, com as frases que ficaram famosas, como "*Deus me poupou o sentimento do medo*", foram escritos pelo poeta Augusto Frederico Schmidt.^[7] Juscelino destacou-se, também, na chamada *política de bastidores*, (as articulações políticas bem trabalhadas), típica de Minas Gerais e de seu segundo partido político, o PSD.^[8]

Destacou mais, entretanto, nos cargos executivos que ocupou, e, pela sua atuação neles, ficou conhecido como um político do tipo "*tocador de obras*".



Cargos executivos

- Prefeito de Belo Horizonte de 19 de outubro de 1940 a 30 de outubro de 1945, nomeado pelo então governador de Minas Gerais Benedito Valadares. Seu mandato terminou com a queda do Estado Novo quando os interventores e prefeitos nomeados durante o Estado Novo foram exonerados de seus cargos. Recebeu o apelido de "*Prefeito Furacão*", deixou um rico acervo arquitetônico em grande parte assinado pelo famoso arquiteto Oscar Niemeyer, urbanizou a região da bacia da Pampulha, pavimentou a Avenida do Contorno e a Avenida Amazonas e criou vários bairros em Belo Horizonte.
- Governador de Minas Gerais, de 31 de janeiro de 1951 a 31 de março de 1955, quando passou o governo para Clóvis Salgado para poder se candidatar à presidência da República. O que foi decisivo para que o PSD escolhesse JK como seu candidato ao governo de Minas foi que JK conseguiu o apoio do PR de Artur Bernardes à candidatura do PSD. Sua administração estadual foi muito dinâmica: Criou, em 1952, a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais), Construiu cinco usinas hidrelétricas e abriu mais de três mil quilômetros de rodovias, o que lhe rendeu projeção nacional; Seu lema era o *Binômio Energia e Transporte*. A maior dificuldade que enfrentou como governador foi uma revolta ocorrida na cidade de Uberaba, em 1952, contra os elevados impostos estaduais.^[9] Prometeu, em 1952, que, em dois anos, construiria uma usina siderúrgica e cumpriu: Em 12 de agosto de 1954 foi inaugurada, com a presença do presidente Getúlio Vargas, a Siderúrgica Mannesmann, na região metropolitana de Belo Horizonte.
- Presidente da República de 1956 a 1961, cumprindo um mandato único de 5 anos. Não havia reeleição naquela época. Foi o primeiro presidente civil desde Artur Bernardes a cumprir integralmente seu mandato. Foi eleito com 36% dos votos válidos por uma coligação do PSD com o PTB, que elegeu João Goulart, do PTB, como seu vice-presidente. Juscelino Kubitschek empolgou o país com seu reclame: "*Cinquenta anos em cinco*", conseguiu encetar um processo de rápida industrialização, tendo como carro-chefe a indústria automobilística. Houve, no seu governo, um forte crescimento econômico, porém também um significativo aumento da dívida pública interna e da dívida externa e da inflação nos governos seguintes de Jânio Quadros e João Goulart. Os anos de seu governo são lembrados como "*Os Anos Dourados*", que coincidiu com a fase de prosperidade norte-americana, conhecida como "*The Great American*



Celebration", que se caracterizava pela baixa inflação e pelas elevadas taxas de crescimento da economia e do padrão de vida dos norte-americanos.

A eleição de Juscelino Kubitschek à presidência da República



Cerimônia de posse de Juscelino Kubitschek sendo conduzida por Nereu Ramos.

Pela aliança PSD-PTB, Juscelino foi eleito Presidente da República, em 3 de outubro de 1955, com 36% dos votos válidos, a menor votação de todos os presidentes eleitos de 1945 a 1960.

Naquela época as eleições se realizavam em turno único. Nesta eleição, pela primeira vez no Brasil, se utilizou a cédula eleitoral oficial confeccionada pela Justiça Eleitoral. Antes de 1955, os próprios partidos políticos confeccionavam e distribuíam as cédulas eleitorais.

Foi difícil o lançamento da candidatura de Juscelino, pois se acreditava em um veto militar a ela: JK era acusado de ser apoiado pelos comunistas. Somente quando o presidente da república Café Filho divulgou a carta dos militares na Voz do Brasil foi que Juscelino se lançou candidato, alegando que a carta dos militares não citava o seu nome.^[4]

Para dar legitimidade e prestígio à sua candidatura a presidente, JK visitou o já idoso e venerando ex-presidente da república Venceslau Brás em sua residência no sul de Minas. Pediu e conseguiu o apoio do antigo presidente à sua candidatura.

A apuração dos votos foi demorada. JK obteve, em 3 de outubro de 1955, 3.077.411 votos, o general Juarez Távora teve 2.610.462 votos, o Dr. Ademar de Barros 2.222.725 votos e Plínio Salgado 714.379 votos.^[10]



Juscelino obteve, 400 mil votos a mais que o candidato da UDN Juarez Távora, e 800 mil votos a mais que o terceiro colocado, o ex-governador de São Paulo Ademar de Barros. Juscelino foi favorecido pelo lançamento da candidatura de Plínio Salgado, a qual tirou votos do candidato Juarez Távora.

A UDN tentou impugnar o resultado da eleição, sob a alegação de que Juscelino não obteve vitória por maioria absoluta dos votos. A posse de Juscelino e do vice-presidente eleito João Goulart só foi garantida com um levante militar liderado pelo ministro da Guerra, general Henrique Teixeira Lott, que, em 11 de novembro de 1955, depôs o então presidente interino da República Carlos Luz. Suspeitava-se que Carlos Luz, da UDN, não daria posse ao presidente eleito Juscelino. Assumiu a presidência, após o golpe de 11 de novembro, o presidente do Senado Federal, Nereu Ramos, do partido de JK, o PSD. Nereu Ramos concluiu o mandato de Getúlio Vargas que fora eleito para governar de 1951 a 1956. O Brasil permaneceu em estado de sítio até a posse de JK em 31 de janeiro de 1956.

Aspectos marcantes do seu mandato como presidente do Brasil

Juscelino foi o último presidente da República a assumir o cargo no Palácio do Catete. Foi empossado em 31 de janeiro de 1956, e, governou por 5 anos, até 31 de janeiro de 1961. Seu vice-presidente, eleito também em 3 de outubro de 1955, foi João Goulart.

O Plano de Metas

Em seu mandato presidencial, Juscelino lançou o Plano Nacional de Desenvolvimento, também chamado de Plano de Metas, que tinha o célebre lema "*Cinquenta anos em cinco*".

O plano tinha 31 metas distribuídas em 5 grandes grupos: Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de base, Educação, e, a meta principal ou meta-síntese: Brasília. O Plano de Metas visava estimular a diversificação e o crescimento da economia brasileira, baseado na expansão industrial e na integração dos povos de todas as regiões do Brasil através da nova capital localizada no centro do território brasileiro, na região do Brasil Central.



A estratégia do Plano de Metas era corrigir os "*pontos de estrangulamento*" da economia brasileira, em termos atuais "reduzir o custo Brasil", que poderiam estancar o crescimento econômico brasileiro (por falta de estradas e energia elétrica) e reduzir a dependência das importações, no processo chamado de "*substituição de importações*", já que o Brasil padecia de uma crônica falta de divisas externas (dólares).

A convivência democrática



Fotografia do Memorial JK

Outro fato importante do governo de JK foi a manutenção do regime democrático e da estabilidade política, que gerou um clima de confiança e de esperança no futuro entre os brasileiros. Teve grande habilidade política para conciliar os diversos setores da sociedade brasileira, mostrando-lhes as vantagens de cada setor dentro da estratégia de desenvolvimento de seu governo.

JK evitou qualquer confronto direto com seus adversários políticos e apelou a eles para que fizessem oposição sempre dentro das leis democráticas. Anistiou os militares revoltosos de Jacareacanga e Aragarças. Sendo que muitos políticos da UDN, (adversária do PSD de Juscelino), o apoiavam, ficando, estes políticos, conhecidos como a *UDN chapa-branca*.^[11]

Outro momento de tensão política do governo JK foi, em 23 de novembro de 1956, quando JK ordenou a prisão domiciliar do general Juarez Távora, que JK havia derrotado nas eleições de 1955, por Juarez Távora ter desafiado a ordem de JK, dada em 21 de novembro de 1956, que proibia os militares de fazerem manifestação ou comentário político. O ministro da Guerra, Henrique Lott, cumpriu a ordem de prisão, mas pediu exoneração do



cargo, porém voltou atrás. Com sua atitude enérgica e apoio de Lott, JK se fortaleceu entre os militares, setor em que tinha antes pouca aceitação e prestígio. JK fechou, também, em novembro de 1956, a "Frente de Novembro" e o "Clube da Lanterna", que faziam oposição a JK.

Seu maior adversário foi Carlos Lacerda, com o qual se reconciliou posteriormente. Juscelino não permitiu o acesso de Carlos Lacerda à televisão durante todo o seu governo. Juscelino confessou a Lacerda, depois, que se tivesse deixado Lacerda ter acesso a televisão, este o derrubaria.^[11]

A Economia brasileira e as obras realizadas

O governo de Juscelino Kubitschek usou uma plataforma nacional desenvolvimentista, o Plano de Metas, lançado em 1956, e permitiu a abertura da economia brasileira ao capital estrangeiro. Isentou de impostos de importação as máquinas e equipamentos industriais, assim como liberou a entrada de capitais externos em investimentos de risco, desde que associados ao capital nacional ("capital associado"). Para ampliar o mercado interno, o plano ofereceu uma generosa política de crédito ao consumidor.

JK promoveu a implantação da indústria automobilística com a vinda de fábricas de automóveis para o Brasil, promoveu a indústria naval, a expansão da indústria pesada, a construção de usinas siderúrgicas e de grande usinas hidrelétricas, como a Furnas localizada em São João da Barra e a Três Marias. A construção de Furnas foi iniciada em 1957 e concluída em 1963. Furnas formou um dos maiores lagos artificiais do mundo que banha 34 municípios mineiros e que ficou conhecido como o "Mar de Minas Gerais".

Abriu as rodovias transregionais que uniram todas as regiões do Brasil, antes sem ligação rodoviária entre elas. Aumentou a produção de petróleo da Petrobrás. Com exceção das empresas de energia hidrelétrica, Juscelino praticamente não criou nenhuma empresa estatal.

Em 15 de dezembro de 1959, JK criou a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, para integrar a região ao mercado nacional. Também em 1959, Juscelino rompeu com o FMI por não aceitar a reforma cambial pedida pelo FMI.



Comprou, em 1956, para a Marinha do Brasil, o seu primeiro porta-aviões, o NAEL Minas Gerais (A-11).

Entre 1959 e 1960, houve uma crise na obra de construção de Brasília. As verbas haviam acabado e JK entendia que não poderia terminar o governo sem construir Brasília. JK rompeu com o FMI, pois este havia proposto reformas econômicas que não seguiam o seu modelo de governo, e, sendo assim, precisou agir de outra forma para conseguir o capital para terminar Brasília. JK emitiu títulos da dívida pública e cartas precatórias. Estas consistem em papéis negociados na bolsa de valores para se conseguir capital de curto prazo. JK vendeu esses papéis com deságio, ou seja, com um preço abaixo do valor de mercado que poderia ser recuperado posteriormente em um prazo de 5 anos. Com isso, JK conseguiu dinheiro para terminar a construção de Brasília. Isso, no entanto, fez com que JK fosse acusado de inviabilizar os próximos governos do país, por aumentar a dívida pública federal.

Junto com Brasília, uma grande obra rodoviária ajudou muito o povoamento e desenvolvimento do Brasil Central e da Amazônia: a rodovia BR-153 (antiga BR-14), também conhecida como "Rodovia Belém-Brasília". Outras obras rodoviárias importantes ligando regiões brasileiras, feitas por Juscelino, foram a Rodovia Régis Bittencourt, (antiga BR-2), que liga o Sudeste do Brasil ao Sul do Brasil, inaugurada no início de 1961, a rodovia Fernão Dias que liga São Paulo a Belo Horizonte, obra iniciada por Getúlio Vargas, inaugurada, por JK, em 1960, e concluída em 1961, e a BR-364 ligando Cuiabá a Porto Velho e Rio Branco, inicialmente uma estrada de terra e que foi asfaltada em 1983. A BR-364 foi a primeira rodovia a ligar o Centro Oeste do Brasil a Rondônia e ao Acre. A BR-364 viabilizou o povoamento de Rondônia que passou de 70.000 mil habitantes em 1960 a 500.000 habitantes em 1980.

O governador de Rondônia na época, Paulo Nunes Leal, em seu livro "*O outro braço da Cruz*", conta como conseguiu de JK a construção da BR-364 em 2 de fevereiro de 1960:

"- Sr. Presidente!

- Diga Paulo!

- O Sr. já ligou Brasília ao Centro-Sul, ao Nordeste e a Belém. Por que o Sr. não faz o outro braço da cruz, ligando Brasília ao Acre?



- Uai, Paulo! E pode?
- Pode, Sr. Presidente! Mas é negócio pra homem!
- Então vai ser!"

Os críticos de Juscelino Kubitschek frisam o fato de ele ter priorizado o transporte rodoviário em detrimento do transporte ferroviário devido à implantação da indústria automobilística no Brasil, o que teria causado prejuízos econômicos como o crescimento das importações de derivados de petróleo (gasolina e óleo diesel) e petróleo, e também provocado isolamento e decadência de certas cidades. JK conseguiu entretanto, com a inauguração da Refinaria de Duque de Caxias, em 1961, a autosuficiência do Brasil na produção de derivados de petróleo, passando o Brasil, a partir de então, a importar apenas a matéria-prima, produzindo os derivados de petróleo nas refinarias brasileiras.

A opção pelas rodovias é considerada, por muitos, danosa aos interesses do país, que estaria mais bem servido por uma grande rede ferroviária. Na década de 1920, o presidente Washington Luís também havia sido contestado por construir rodovias, sendo apelidado de "*General Estrada de Bobagem*", um trocadilho com "estrada de rodagem"^[12]. Mesmo após o governo Juscelino, continuou forte, no Brasil, a oposição política à construção de rodovias: Na década de 1960, em São Paulo, Ademar de Barros foi muito criticado por construir a Rodovia Castelo Branco, tida, na época, como obra cara e desnecessária.

A dívida externa brasileira aumentou 1,5 bilhão de dólares, chegando ao todo a 3,8 bilhões de dólares no final do governo JK. Esta dívida foi ainda agravada pelas altas remessas de lucros das empresas estrangeiras de "capital associado" e pelo conseqüente aumento do déficit na balança de pagamentos.

Houve também uma elevação da dívida interna brasileira em aproximadamente 0,5 bilhões de dólares.

Apesar do crescimento econômico, segundo alguns críticos, o mandato de Juscelino Kubitschek terminou com crescimento da inflação, aumento da concentração de renda e arrocho salarial. Ocorreram várias manifestações populares, com greves na zona rural e nos centros industriais que se alastram nos governos seguintes.



De fato, a expansão do crédito, a grande quantidade de importações para indústria automobilística e as constantes emissões de moeda - para manter os investimentos estatais e pagar os empréstimos externos - provocaram crescimento da inflação e queda no valor dos salários. Em 1960, a inflação estava a 25% ao ano, subiu para 43% em 1961, para 55% em 1962 e chegou a 81% em 1963. O economista Roberto de Oliveira Campos, um dos coordenadores do Plano de Metas, foi um dos primeiros economistas a alertar Juscelino para o caráter inflacionário da construção de Brasília. Durante o governo JK, a produção industrial cresceu 80%, os lucros da indústria cresceram 76%, mas os salários cresceram apenas 15%.

Porém, o salário-mínimo do trabalhador brasileiro, em 1959, foi considerado o mais alto, em valores reais, de todos os tempos.

Construção de Brasília

A construção de Brasília foi, sem dúvida, um dos fatos mais marcantes da história brasileira do século XX. A ideia de construir uma nova capital no centro geográfico do País estava prevista na Constituição de 1891, na Constituição de 1934 e na Constituição de 1946, mas foi adiada, sua construção, por todos os governos brasileiros desde 1891.

A promessa de construir Brasília foi feita, por JK, no dia 4 de abril de 1955, em um comício, em Jataí, no estado de Goiás, quando, no final do comício, JK resolveu ouvir perguntas de populares, e, o estudante para tabelião Antônio Soares Neto, o *Toniquinho*, perguntou a JK se este iria cumprir toda a constituição do Brasil de 1946, inclusive o artigo referente a nova capital^[13].^[4]

"Toniquinho" se referia ao artigo 4º do "Ato das disposições constitucionais transitórias da Constituição de 1946" que dizia:

“ Art. 4º - A Capital da União será transferida para o planalto central do país. § 1º - Promulgado este Ato, o Presidente da República, dentro em sessenta dias, nomeará uma Comissão de técnicos de reconhecido valor para proceder ao estudo da localização da nova Capital. § 2º - O estudo previsto no parágrafo antecedente será encaminhado ao

”
- **Constituição
Federal de
1946**



Congresso Nacional, que deliberará a respeito, em lei especial, e estabelecerá o prazo para o início da delimitação da área a ser incorporada ao domínio da União. § 3º - Findos os trabalhos demarcatórios, o Congresso Nacional resolverá sobre a data da mudança da Capital. § 4º - Efetuada a transferência, o atual Distrito Federal passará a constituir o Estado da Guanabara.

O Congresso Nacional, mesmo com descrença, aprovou a Lei nº 2.874, sancionada por JK, em 19 de setembro de 1956, determinando a mudança da Capital Federal e criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap.

As obras, lideradas pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer começaram com entusiasmo em fevereiro de 1957. Mais de 200 máquinas e de 30 mil operários - os candangos - vindos de todas as regiões do Brasil (principalmente do Nordeste do Brasil), exerceram um regime de trabalho ininterrupto, dia e noite, para construir e concluir Brasília até a data prefixada de 21 de abril de 1960, em homenagem à Inconfidência Mineira.

As obras terminaram em tempo recorde de 41 meses - antes do prazo previsto. Já no dia da inauguração, em pomposa cerimônia, Brasília era considerada como uma das obras mais importantes da arquitetura e do urbanismo contemporâneos.

Além da obediência à Constituição, a construção da Nova Capital visava a integração de todas as regiões do Brasil, a geração de empregos, absorvendo o excedente de mão-de-obra da região Nordeste do Brasil e o estímulo ao desenvolvimento do interior, desafogando a economia saturada do centro-sul do País.

Política Externa

No plano internacional, Juscelino procurou estreitar as relações entre o Brasil e os Estados Unidos da América, ciente de que isso ajudaria na implementação de sua política econômica industrial e na preservação da democracia brasileira.



Formulou a Operação Pan-americana, iniciativa diplomática em que solicitava apoio dos Estados Unidos ao desenvolvimento da América do Sul, como forma de evitar que o continente americano fosse assolado pelo fantasma do comunismo.

Rebeliões

Em seu governo ocorreram duas rebeliões de oficiais da Força Aérea Brasileira: Em 19 de fevereiro de 1956, em Jacareacanga no Pará, e, em 3 de dezembro de 1959, em Aragarças em Goiás. Ambas foram rapidamente controladas e seus líderes foram, logo depois, anistiados por Juscelino.

Corrupção



Rosto de JK na Praça dos Três Poderes

JK também foi acusado diversas vezes de corrupção. As acusações vinham desde os tempos em que ele era governador, e se intensificaram no período em que ele foi presidente. As denúncias se multiplicaram por conta da construção de Brasília: havia sérios indícios de superfaturamento das obras e favorecimento a empreiteiros ligados ao grupo político de Juscelino. Outro caso rumoroso foi o da empresa aérea Panair do Brasil, pertencente a amigos de JK, que foi acusada de possuir um monopólio do transporte de pessoas e materiais enviados para a construção de Brasília. Durante a construção de Brasília, como



a BR-050 ainda não estava pronta, grande parte dos materiais e equipamentos utilizados na obra eram transportados por aviões.

A imprensa chegou a dizer que JK teria a sétima maior fortuna do mundo, o que nunca foi provado. Durante a campanha eleitoral de 1960, para a escolha de seu sucessor, as denúncias de corrupção contra JK foram amplamente exploradas pelo candidato Jânio Quadros que prometia "*varrer a corrupção*" do governo de JK. JK respondeu a inquérito policial militar (IPM) durante o regime militar, acusado de corrupção e de ter apoio dos comunistas.

A Panair do Brasil foi depois perseguida e levada à falência pelo regime militar.

Quando de sua morte, porém, o seu inventário de bens mostrou um patrimônio modesto, tendo sua filha Márcia precisado vender um apartamento para financiar sua campanha eleitoral à Câmara dos Deputados^[14].

Espiritismo

Há relatos dando conta de que o presidente Juscelino enviava perguntas ao médium Chico Xavier pedindo conselhos sobre problemas enfrentados durante a construção de Brasília^[15]

Concedeu indulto ao médium José Pedro de Freitas, o "José Arigó", ou "Zé Arigó", que fora preso acusado de bruxaria e exercício ilegal da medicina. Existem relatos de que JK fazia parte da Maçonaria, informação esta nunca confirmada pela maçonaria brasileira^[16]. E que a construção de Brasília foi inspirada em uma cidade egípcia, já que Juscelino, segundo pensavam alguns, acreditava fielmente ser representante do Deus-Sol (um Deus egípcio).

A eleição do sucessor de JK

As eleições de 3 de outubro de 1960 foram vencidas pelo candidato opositor Jânio Quadros, ex-governador de São Paulo apoiado pela UDN. Jânio obteve 48% dos votos válidos, em um total de quase 6 milhões de votos, a maior votação nominal obtida por um político brasileiro até então. Juscelino apoiou o marechal Henrique Lott, seu ministro da guerra (morto em 19.05.1984) e que havia garantido a posse de JK em 1955. Lott era o candidato



a presidente pela aliança PSD-PTB que tinha João Goulart candidato a reeleição como vice-presidente da república. A disputa entre Jânio e Lott foi chamada de *A Campanha da Vassoura contra a Espada*. Ademar de Barros, novamente candidato, definiu-se como "*A candidatura de protesto*", e obteve o terceiro lugar. João Goulart foi reeleito vice-presidente da república.

Ao passar a faixa presidencial para Jânio Quadros, em 31 de janeiro de 1961, Juscelino tornou-se o primeiro presidente civil desde Artur Bernardes, eleito pelo voto direto, que iniciou e concluiu seu mandato dentro do prazo determinado pela Constituição Federal. Após JK, o primeiro presidente civil, eleito pelo voto direto, a cumprir integralmente seu mandato foi Fernando Henrique Cardoso.

Anos Dourados



Kubitschek entre seus ministros e correligionários

Após a retomada da democracia no Brasil em 1945, Juscelino Kubitschek e sua atuação como governador de Minas Gerais e na Presidência da República, foram referências para o Brasil entre os anos de 1951 e 1961. A era JK estava em todo canto, nos chamados "*Anos Dourados*". Ao longo da década de 1950, a economia brasileira foi industrializada rapidamente, passando de rural a urbana.



Nessa época foram se popularizando os eletrodomésticos, que prometiam facilitar a vida do lar. Eram de todos os tipos, desde enceradeiras até aspiradores de pó, carros, televisores, o rádio e os toca-discos portáteis e o disco de vinil. Foram criados os objetos de plástico e fibra sintética, além de casas com mobílias com menos adornos.

Este estilo de vida foi criado nos Estados Unidos e recebeu o nome de "American Way of Life", (Estilo de vida americano), e, por conta da influência norte-americana durante e após a Segunda Guerra Mundial, se espalhou pelo mundo.

Enquanto tudo isso se consolidava, os meios de comunicações e de diversões se ampliavam. Eram emissoras de rádios que através das ondas curtas chegavam grande parte do interior do Brasil, revistas como Seleções e O Cruzeiro, jornais, radionovelas, o teatro de revista, programas radiofônicos de musicais e os humorísticos, o radiojornal Repórter Esso e as comédias e as chanchadas da Atlântida Cinematográfica do Rio de Janeiro. O cinema brasileiro teve sua fase dourada, nos anos 1950, com a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de São Paulo, e a premiação do filme *O Cangaceiro*, no exterior, em 1953.

Os teatros, rádios, especialmente a Rádio Nacional, radionovelas, radiojornais, teleteatros e telejornais na televisão que já atingia a maioria das capitais brasileiras, tinham mais audiência que nunca. Em 1958, a música popular brasileira é sucesso no exterior, especialmente a Bossa Nova, criada naquela época, e com sucessos como "Chega de saudade" de Vinicius de Moraes.

A nova capital Brasília surge de uma do trabalho conjunto de JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. No esporte, a seleção brasileira de futebol foi campeã na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, o boxeador peso-galo Éder Jofre foi campeão mundial de boxe; Em 1959, a seleção brasileira de basquete masculina foi campeã mundial no Chile e a tenista Maria Esther Bueno venceu os torneios de Wimbledon e o US Open.

O salário-mínimo, em 1959, em termos reais, descontado a inflação, ou seja, em valores reais, é considerado o mais alto da história do Brasil.



Os anos dourados inspiraram o espírito otimista e inovador, consagrando assim o governo de Juscelino Kubitschek.

Após a presidência



JK teve os direitos políticos cassados em 8 de junho de 1964

Em janeiro de 1960, pouco antes de deixar a presidência, JK deixou uma mensagem de agradecimento ao professor José Antero de Carvalho, na qual resume sua visão sobre seu governo e seu futuro político. A carta tinha o seguinte teor:

“ Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na presidência da república, não faltei a um só dos compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo. Pude ainda, através da operação Pan-Americana, despertar as esperanças e energias dos povos americanos para o objetivo comum de combater o subdesenvolvimento. E todo este esforço culminou no cumprimento da meta democrática, quando o nosso país apresentou ao mundo um admirável

”

- Juscelino Kubitschek



espetáculo de educação política, que me permite encerrar o mandato, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a todas as prerrogativas constitucionais. Sejam quais forem os rumos de minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso posto que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar servindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos!

[17]

Juscelino foi eleito senador pelo estado de Goiás em 1962. Juscelino desejava concorrer novamente à Presidência da República, nas eleições marcadas para 3 de outubro de 1965. Sua pré-campanha eleitoral foi chamada de "*JK-65: A vez da agricultura*". A candidatura de JK foi lançada, pelo PSD, em 20 de março de 1964. Os outros pré-candidatos eram Carlos Lacerda, Leonel Brizola e Jânio Quadros. Estas candidaturas foram abortadas pelo golpe militar de 1964, também chamado de Revolução de 1964, iniciada em 31 de março de 1964.

Em 11 de abril de 1964, o Congresso Nacional elegeu o general Castelo Branco presidente da república e o antigo amigo de Juscelino, do tempo do seminário em Diamantina, José Maria Alkmin, como vice-presidente da república. Juscelino, na condição de senador por Goiás, votou em Castelo Branco e em Alkmin.

Acusado de corrupção e de ser apoiado pelos comunistas, teve os direitos políticos cassados, em 8 de junho de 1964, perdendo o mandato de senador por Goiás. A partir de então passou a percorrer cidades dos Estados Unidos da América e da Europa, em um exílio voluntário.

Voltou ao Brasil, logo depois das eleições de 3 de outubro de 1965, na qual dois aliados de JK e adversários do governo Castelo Branco, (Francisco Negrão de Lima e Israel Pinheiro da Silva), venceram as eleições para governador na Guanabara e em Minas Gerais, porém JK permaneceu pouco



no Brasil, logo voltando para o exílio. Após esse segundo exílio voluntário, regressou definitivamente, ao Brasil, em 1967.

Posteriormente, tentou articular, em 1967, a Frente Ampla de oposição ao regime militar, juntamente com o ex-presidente João Goulart e o ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda, este último seu antigo adversário político.

JK pretendeu voltar para a vida política, depois de passados os 10 anos que duravam as cassações de direitos políticos. Para dissuadi-lo, os militares usaram os fantasmas das denúncias de corrupção, buscando desmoralizá-lo politicamente. Eles ameaçavam levar as investigações adiante caso Juscelino tentasse voltar à cena política.

Apesar dos fortes indícios de corrupção e da pressão de alguns segmentos políticos e da opinião pública da época, JK nunca chegou a responder formalmente à Justiça pelas acusações de corrupção, porém respondeu aos IPM, inquéritos policiais militares.

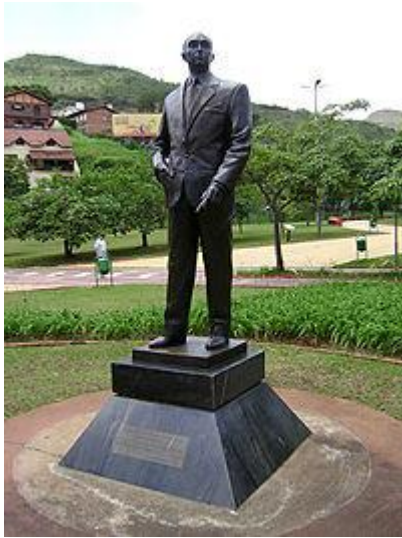
Um ano antes de sua morte, seu nome ainda era proibido na televisão brasileira. Assim, a telenovela Escalada, exibida em 1975, pela Rede Globo, na qual era tratado o tema da construção de Brasília, não pode mencionar o seu nome. O recurso usado pelo autor Lauro César Muniz foi mostrar os personagens assoviando a música "*Peixe-Vivo*" que identificava JK.

Faleceu em 22 de Agosto de 1976, em um desastre automobilístico, em circunstâncias até hoje pouco claras, no quilômetro 328 da Rodovia Presidente Dutra, em um automóvel Chevrolet Opala^[18], na altura da cidade fluminense de Resende, no qual o veículo onde ele estava, colidiu violentamente com uma carreta carregada de gesso. Até hoje, o local do acidente é conhecido como "*Curva do JK*", antes conhecido como "Curva do Açougue". Mais de 300 mil pessoas assistiram a seu funeral em Brasília, onde a multidão cantou a música que o identificava: *Peixe Vivo*. Seus restos mortais repousam no Memorial JK, construído em 1981, na capital federal do Brasil, Brasília, por ele fundada.

Em 1996, seu corpo foi exumado, para se esclarecer a causa de sua morte, levantando-se novamente a polêmica sobre o caso.^[19]



Representações na cultura e homenagens



Estátua de **Juscelino Kubitschek**, na praça que leva seu nome, em Belo Horizonte

A vida e carreira política de Juscelino Kubitschek foi tema de muitos livros, e, de 3 de Janeiro até 24 de março de 2006, foi contada através de uma minissérie da Rede Globo intitulada "JK".

Juscelino Kubitschek foi retratado como personagem no cinema e na televisão, interpretado por José de Abreu no filme "JK - Bela Noite Para Voar" (2005), e José Wilker e Wagner Moura na minissérie de televisão "JK" em 2006.

Teve sua efígie impressa nas notas de Cz\$ 100,00 (cem cruzados) de 1986, e teve sua efígie cunhada no verso das moedas de 1 real, lançadas em 2002, no Brasil, comemorativas do centenário de seu nascimento.

A Rodovia Juscelino Kubitschek que liga Brasília à cidade Rio de Janeiro, o Aeroporto Internacional de Brasília, a Rodovia Presidente Juscelino Kubitschek que compreende o trecho da BR-020 entre Formosa (Goiás) e Fortaleza, e as cidades de Presidente Juscelino (Minas Gerais) e Presidente Juscelino (Maranhão) foram nomeadas em sua homenagem.

Ministros

- Aeronáutica: Vasco Alves Seco, Henrique Fleiuss, Francisco de Assis Correia de Melo;



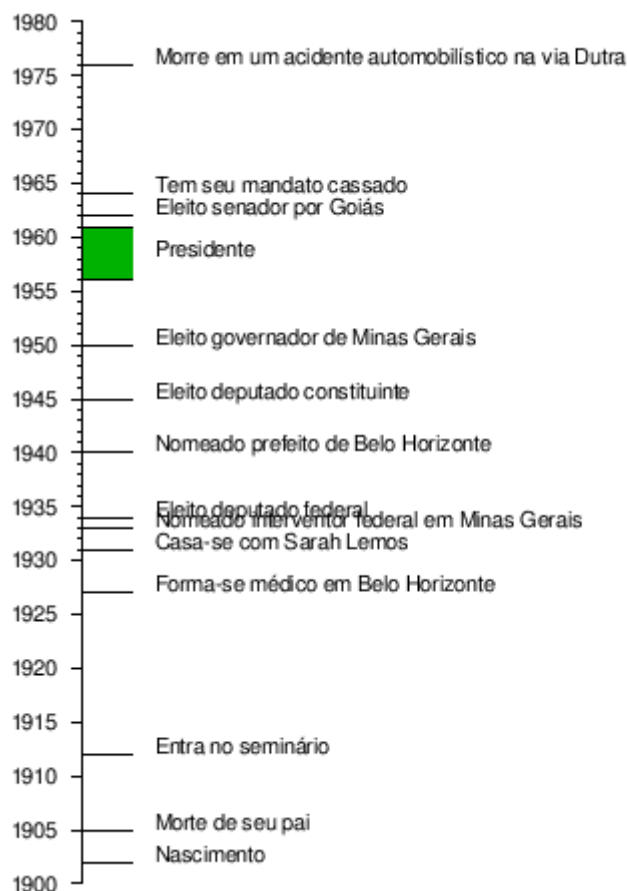
- Agricultura: Ernesto Dornelles, José Parsifal Barroso (interino), Mário Meneghetti, Luís Guimarães Júnior (interino), Paulo Fróis da Cruz (interino), Fernando Nóbrega (interino), Antônio de Barros Carvalho;
- Educação e Cultura: Clóvis Salgado da Gama, Celso Teixeira Brant (interino), Nereu Ramos (interino), Pedro Calmon, José Pedro Ferreira da Costa (interino), Pedro Paulo Penido;
- Fazenda: José Maria Alkmin, João de Oliveira Castro Viana Júnior (interino), Lucas Lopes, Sebastião Pais de Almeida, Maurício Chagas Bicalho (interino), Antônio Carlos Barcellos (interino);
- Guerra: Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, Odílio Denys;
- Justiça e Negócios Interiores: Nereu Ramos, José Carlos de Macedo Soares (interino), Eurico de Aguiar Sales, Carlos Cirilo Júnior, Armando Falcão;
- Marinha: Renato de Almeida Guillobel (interino), Antônio Alves Câmara Júnior, Jorge do Paço Matoso Maia, Jorge da Silva Leite (interino);
- Relações Exteriores: José Carlos de Macedo Soares, Décio Honorato de Moura, Francisco Negrão de Lima, Antônio Barreto Mendes Viana, Horácio Lafer, Armando Falcão, Fernando Ramos de Alencar, Edmundo Pena Barbosa da Silva;
- Saúde: Maurício Campos de Medeiros, Mário Pinotti, Pedro Paulo Penido (interino), Armando Falcão (interino);
- Trabalho, Indústria e Comércio: José Parsifal Barroso, Mário Meneghetti, Fernando Nóbrega, Alírio Sales Coelho (interino), João Batista Ramos;
- Viação e Obras Públicas: Lúcio Martins Meira, Ernani do Amaral Peixoto.



“Tua estrela solitária te conduz!”



Cronologia sumária



Referências

- ↑ Geneton Moraes Neto. *Dossiê Brasília: os segredos dos presidentes*. Editora Globo, 2005. p. 39.
- ↑ [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/zarco_jk_cigano.pdf Zarco Fernandes -- JUSCELINO KUBITSCHKEK "JUSSA": O ESTADISTA CIGANO]
- ↑ Conheça o fascínio do povo cigano
- ↑ ^a ^b ^c CHAGAS, Carmo, *Política – Arte de Minas*, Editora Carthago & Forte, São Paulo, 1994.
- ↑ Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais. *Ex-Alunos notáveis:JK*. Página visitada em 20/04/2010.
- ↑ SODRÉ, Hélio, *A Eloquência de Juscelino Kubitschek*, Editora Rio, 1960.
- ↑ FALCÃO, Armando, *Tudo a declarar*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.
- ↑ CHAGAS, Carmo, *Política – Arte de Minas*, Editora Carthago & Forte, São Paulo, 1994.



9. ↑ Reds Lead Brazil Tax Riot Spree That Causes Damage of \$6,000,000; Income Tax Office and Other Buildings Are Wrecked in Minas Geraes Town, The New York Times, 26 de abril de 1952
10. ↑ PORTO, Walter Costa, *O voto no Brasil*, Editora Topbooks, Rio de Janeiro, 2002.
11. ↑ ^{a b} LACERDA, Carlos, *Depoimento*, Editora Nova Fronteira, 1977.
12. ↑ DEBI, Célio, Washington Luís, Editora Imesp, 2 volumes, 1993.
13. ↑ KUBITSCHKEK, *Juscelino, Por Que Construí Brasília?*, Editora Bloch, 1975.
14. ↑ JARDIM, Serafim, *Juscelino Kubitschek - Onde Está a Verdade?*, Editora Vozes, 1999
15. ↑ Nonato, A. F.. *JK e os Bastidores da Construção de Brasília*. Editares, 2009.
16. ↑ http://www.pael.com.br/Presidentes_Brasil_Macons.html
17. ↑ <http://www.joaoanterodecarvalho.com.br/linkdochistoricos1.htm>
18. ↑ Opala foi astro no cinema e pivô de uma tragédia
19. ↑ *JARDIM, Serafim, *Juscelino Kubitschek - Onde Está a Verdade?*, Editora Vozes, 1999.

Bibliografia

- _____, *Juscelino em Diamantina - Criando Saudades 1902-1919*, Editora Casa de Juscelino, 2002.
- _____, *Fundo Juscelino Kubitschek - Arquivo Nacional*, Verano Editora, 2004.
- _____, *Juscelino Prefeito 1940-1945*, Editora Rona, 2002.
- _____, *Juscelino*, in "Revista do Legislativo - Edição Histórica", Editora da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, 2002.
- _____, *Programa de Metas do Presidente Juscelino Kubitschek*, Editora Imprensa Nacional, 1958.
- _____, *Resenha do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek 1951-1961*, 2 Volumes, Editora Serviço de Documentação da Presidência da República, 1960.
- ARAÚJO, Fernando, *Juscelino Kubitschek, o Médico*, Editora Belo Horizonte, 2000.
- CHAGAS, Carmo, *Política - Arte de Minas*, Editora Carthago & Forte, São Paulo, 1994.



- CHAGAS, Paulo Pinheiro, *A Respostas de Juscelino - Ensaio Sobre a Formação do Povo Mineiro*, Editora Belo Horizonte, 1953.
- COHEN, Marleine, *JK - O Presidente Bossa Nova*, Editora Globo, 2001.
- JARDIM, Serafim, *Juscelino Kubitschek - Onde Está a Verdade?*, Editora Vozes, 1999.
- JUREMA, Abelardo, *Juscelino e Jango, PSD e PTB*, Editora Artenova, 1979.
- KOIFMAN, Fábio, Organizador, *Presidentes do Brasil*, Editora Rio, 2001.
- KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, *Juscelino, Por Que Construí Brasília?*, Editora Bloch, 1975.
- KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, *Juscelino, Meu Caminho Para Brasília*, Editora Bloch, 1974.
- LACERDA, Carlos, *Depoimento*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977.
- MONTELLO, Josué, *O Juscelino Kubitschek de Minhas Recordações*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.
- MORAES, José, *Juscelino o Homem, a Candidatura, a Campanha*, Editora Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1955.
- NONATO, A. F., *JK e os Bastidores da Construção de Brasília*, Editares, 2009.
- NAPOLEÃO, Aluizio, *Juscelino Kubitschek - Audácia, Energia, Confiança*, Editora Bloch, 1988.
- PIMENTEL, Thaís Cougo, organizadora, *Juscelino Prefeito 1940 -1945*, Editora Museu Abílio Barreto, 2002.
- PRÍNCIPE, Hermógenes, *Luz e Trevas nos tempos de Juscelino*, Editora É Realizações, 2002.
- SILVA, Hélio, *Juscelino Kubitschek - 19º Presidente do Brasil, 1956 – 1961*, Editora Três, 1983.
- SODRÉ, Hélio, *A Eloqüencia de Juscelino Kubitschek*, Editora Rio, 1960.
- VIANNA, Francisco, *JK - A Saga de um Herói*, Companhia Editora nacional, 2006.
- VIDIGAL, Padre Pedro Maciel, *Juscelino, a UDN e Carlos Lacerda*, Editora Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1956.



Quem sou e qual o meu endereço? (Lattes CNPq)

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4483255J4>

Sou Botafoguense. Sou da Amazônia Amapaense, nasci e resido em Macapá (AP), na esquina do Rio Amazonas com a Linha do Equador. Sou Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Sociólogo (UFPA), Psicopedagogo (USS/RJ), Pedagogo (UEPA), Bacharel em Direito/Advogado (CEAP) e Especialista em Metodologia do Ensino Superior (USS/RJ). Faço parte do quadro de Docentes efetivos da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) desde 1994, quando da aprovação no 1º Concurso Público para Filosofia da Educação. Estou vinculado ao Colegiado de Pedagogia.

Vice-Reitor da UNIFAP de janeiro de 2003 a junho de 2006. Pró-Reitor de Ensino de Graduação no período de junho de 2002 a fevereiro de 2003. Pró-Reitor de Extensão da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) de outubro de 2007 a janeiro de 2011. Diretor do Departamento de Apoio ao Vestibular (DAVES) e do Departamento de Processos Seletivos e Concursos (DEPSEC) no período de 1998 a 2002. Presidente da Comissão de Operacionalização de Processos Seletivos (COPS/UNIFAP) de 1998 a 2004.

Particpei da concepção e viabilização dos projetos de implantação dos Campi Universitários da UNIFAP em Oiapoque e Laranjal do Jari, assim como dos Polos Universitários de Macapá, Santana, Marco Zero, Amapá, Porto Grande, Serra do Navio, Equinócio, Laranjal do Jari e Afuá (PA).

P.S.: Agradecimentos especiais a Wikipédia (www.wikipedia.org), a enciclopédia livre e aos colabores botafoguenses pelas informações prestadas.

Bibliografia sugerida

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AUGUSTO, Sérgio. *Botafogo: entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CAMPOS, Paulo Mendes Campos. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, Ney Oscar Ribeiro de, PEPE, Braz Francisco Winkler e MIRANDA, Luiz Felipe Carneiro de. *Botafogo: uma história em preto e branco*. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Brasil, 1996.

CAJU, Paulo César. *Dei a volta na vida*. Rio de Janeiro: A Girafa Editora, 2006.

CASÉ, Rafael. *O artilheiro que não sorria*. Livro de futebol.com, 2008.



- _____ e FALCÃO, Roberto. *100 anos gloriosos: almanaque do centenário do Botafogo*. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2004.
- CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo (1904-1950)*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone, 1951.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DIENSTMANN, Cláudio. *Futebol em frases: 1001 melhores e definitivas sentenças de intelectuais, jornalistas e, até mesmo, de dirigentes, técnicos e jogadores*. Porto Alegre: AGE, 2006.
- DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo: Abril, 1984.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol: ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- MARIO FILHO. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.
- MARK, Perryman. *Filósofos futebol clube: 11 grandes pensadores entram em campo*. São Paulo: Disal, 2004.
- MÁXIMO, João & CASTRO, Marcos de. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Lido, 1965.
- MOREYRA, Sandro. *Histórias de Sandro Moreyra*, Rio de Janeiro: JB, 1985.
- NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Botafogo de Futebol e Regatas: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Maud, 2000.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- _____. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- PORTO, Roberto. *Botafogo: O Glorioso*. Belo Horizonte: Leitura, 2009.
- _____. *Botafogo: 101 anos de história, mitos e superstições*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- _____. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- PRETA, Stanislaw Ponte. *Bola na Rede: a batalha do bi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- RIBEIRO, Péris. *Didi: o gênio da folha seca*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



SALDANHA, João. *Meus amigos*. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.

_____. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1953.

SAMPAIO, Paulo Marcelo. *Os dez mais do Botafogo*. (Coleção Ídolos Imortais). Rio de Janeiro: Maquinária, 2008.

SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SORIANO, Ferran. *A bola não entra por acaso: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol*. São Paulo: Larrouse do Brasil, 2010.

SIMÕES, Roberto Porto. *Informação e futebol: driblando incertezas*. Porto Alegre: AGE/EDIPUCRS, 2009.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.



Torcida organizada AMAPAFOGO

A melhor do Estado. E ninguém cala esse nosso amor!

